

**A SOMBRA DAS IMPRESSÕES: HISTÓRIA, MEMÓRIA, FRONTEIRA E
ALTERIDADE NAS CARTAS DE GOIÁS DE CARLOS PEREIRA DE
MAGALHÃES.**

***GLEISSON FERREIRA**

RESUMO

O presente artigo tem como proposta analisar o conteúdo do livro “Cartas de Goiás no princípio do século XX”, de Carlos Pereira de Magalhães, a partir dos conceitos de fronteira e alteridade, abordando as visões de mundo que estabelecem as diferenças, sobretudo culturais, entre indivíduos e sociedades. Buscamos, assim, discutir elementos de alteridade que possam ser verificados em visões do autor, que a obra em questão denota, em relação à sociedade goiana em geral e, especificamente, à de Lavrinhas de São Sebastião. Trata-se de uma região que abriga comunidades remanescentes do ciclo do ouro e de quilombos. Essa afirmação é reforçada por depoimentos coletados in loco pelo autor no início do século XX, pelo que a análise do conceito de memória torna-se aqui, também, imprescindível.

Palavras-chave: memória, fronteira, alteridade.

INTRODUÇÃO

O Brasil foi visto por muito tempo, externa e internamente, através da ótica de viajantes europeus que percorreram diversas regiões do país e registraram suas experiências e impressões. Entre essas regiões está o atual Estado de Goiás e as Lavrinhas de São Sebastião.

Assim a região de Lavrinhas foi também descrita por viajantes europeus que registraram aspectos geográficos, ambientais e sociais, ainda que brevemente. Mas a região foi também objeto da atenção de brasileiros, alguns dos quais ainda pouco conhecidos nos círculos acadêmicos. Entre esses está o paulista Carlos Pereira de Magalhães, em cuja obra, “Cartas de Goiás”, registra visões de mundo e alteridades que denotam fronteiras culturais, especificamente em relação às sociedades de Lavrinhas de São Sebastião. Magalhães tem uma

* Mestrando em História pela UFG (Universidade Federal de Goiás).

visão de mundo singular sobre o sertanejo goiano que, escapa ligeiramente e, até contrasta com a ideia de decadência que vigorava a respeito de lugar e sociedade.

Nesse trabalho, portanto, os conceitos de fronteira e alteridade são discutidos em análise às visões e impressões que Magalhães denota em seus escritos sobre Goiás, especificamente em relação à história e memórias que registra em Lavrinhas de São Sebastião.

Na região em questão desenvolveram-se comunidades negras que se reconhecem como remanescentes de quilombos. A região em questão situa-se no município de São Luiz do Norte e dista cerca de 250 Km da capital, Goiânia. Embora nesse trabalho não é nosso objetivo discutir tais comunidades na atualidade, mas situá-las historicamente, na análise de uma documentação que pode atestar tais reivindicações.

Encarregado de fazer a regularização das terras de Lavrinhas, o advogado paulista Carlos Pereira de Magalhães esteve na região e registrou os relatos que ouviu dos moradores. Entre 1918 e 1925, além das impressões que registrou sobre Goiás e teceu considerações sobre os relatos memorialísticos da região. Os relatos que coletou constituem memórias que dão conta da existência de antigos quilombos dentro das terras da antiga sesmaria de Lavrinhas e/ou em suas proximidades. Toma depoimentos que relatam fugas de escravos e aquilombamento, em um testemunho distante no tempo, que reforça reivindicações identitárias atuais na região.

DESENVOLVIMENTO

Os registros de Carlos Pereira de Magalhães compõem-se de memórias, reminiscências do tempo, tanto movidos pela “curiosidade étnica”, como dizia, quanto pelas exigências de seu ofício de advogado, no caso de Lavrinhas. Mas são também registros das memórias do autor das Cartas de Goiás, um homem impressionado pela vastidão e exuberância do território e pelas singularidades socioculturais de seu povo.

Os conceitos de memória, fronteira e alteridade são, portanto, imprescindíveis para analisarmos as visões de mundo de, e sobre Goiás, como um todo, e Lavrinhas de São Sebastião, por constituir o objetivo principal da vinda de Magalhães a Goiás.

Para Halbwachs a memória é uma memória coletiva que se projeta no indivíduo por meio das relações que estabelece com o seu grupo, não existindo uma memória individual, senão como resultado dessas mesmas relações que estruturam o todo simbólico que lhe dá sentido de pertinência, isto é, a memória coletiva. (HALBWACHS, 2006)

A memória foi objeto de discussões ao longo do tempo entre vários teóricos, tomando conceitos e aplicações particulares de acordo com a área específica nas ciências humanas. Assim segundo Pierre Nora:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientes de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p.09)

Mesmo vinculada ao passado de escravidão, a questão dos quilombos como elementos de resistência passa à memória e se reflete no presente na região de Lavrinhas, através das reivindicações dos remanescentes, fator que corrobora a afirmação de Pierre Nora. Embora neste trabalho não tratemos essas reivindicações objetivamente, mas a análise de uma documentação histórica que pode servir às mesmas.

No sentido de compreender as visões de mundo de determinados grupos e indivíduos, não se faz sem a análise do conflito com o outro. Segundo Gilberto Velho, a “noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta efetiva-se através das

dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito.” (VELHO, 1996, p.10)

Para compreender as visões de mundo em Goiás e Lavrinhas de São Sebastião, no tempo e no espaço, seja através da visão do outro (as Cartas de Carlos Pereira de Magalhães): ou o que afirmavam de si mesmos nesses depoimentos ou as reivindicações identitárias da atualidade, é necessário nos reportarmos ao conceito de alteridade.

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espionar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única. (LAPLANTINE, 2000, p. 21).

A afirmação de Laplantine ao problematizar a visão de nós mesmos e do outro enquanto um fator cultural possível entre tantas outras culturas, nesse sentido, remete-nos à ideia de fronteira que não é somente geográfica, territorial, mas também cultural, segundo Pesavento:

[...] É por esse viés de compreensão da fronteira que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se os ‘outros’ com relação a ‘nós’ e vice-versa. Portanto, o ‘recorte’ epistemológico que ‘encerra’ o conceito de fronteira é capaz de,

paradoxalmente, anular esse mesmo critério do espaço e avançar para o plano dos significados partilhados. (PESAVENTO, 2002, p. 36)

Assim, para essa autora:

O primeiro passo a se considerar seria o de entender a fronteira cultural como uma transcendência, acima e antes da geopolítica. Fronteiras culturais remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, ao *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento. (PESAVENTO, 2002, p. 36)

É nesse sentido que buscamos compreender as fronteiras culturais evidenciadas na obra de Carlos Pereira de Magalhães. Por conseguinte, analisamos a região de Lavrinhas: seus grupos sociais, visões de mundo e manifestações culturais. Não somente a partir da territorialidade senão também, e principalmente, como conceito cultural; envolvendo relações espaço temporais que estabeleceu com “o outro”; criando as especificidades de sua memória coletiva; sendo imprescindível para nós, portanto, o conceito de fronteira cultural.

A VISÃO DA DECADÊNCIA E DO ATRASO

O início do século XIX foi ainda bastante influenciado, intelectualmente, pelo positivismo. O racismo¹ ligado à ideia de Eugenia também foi presença marcante junto à ideia de atraso social, cultural e econômico que os viajantes europeus já haviam lançado sobre o Brasil.

¹ Trata-se de um neologismo que designa o “racismo científico” inspirado no darwinismo social.

Goiás, descrito muitas vezes como um deserto, estava especialmente inserido nesse contexto. Cumpria então para as autoridades do país e os poderosos grupos econômicos “levar” a esse Estado ermo a “civilidade”, o “desenvolvimento” e o “progresso”.

Paulo Bertran em prefácio à primeira edição do livro “Caminhos de Goiás: Da construção da decadência aos limites da modernidade”, de Nasr Fayad Chaul (obra que contesta a visão da decadência) dá conta de que:

É em 1819-1823 que para todo o sempre fixa-se a imagem da decadência de Goiás na historiografia, graças aos viajantes estrangeiros Auguste de Saint-Hilaire, francês, Johann Emmanuel Pohl, boêmio, Raimundo José da Cunha Mattos, português, e o Pe. Luís Antônio da Silva e Souza, proto-historiador goiano, ordenado na Itália. (BERTRAN in: CHAUL, 2015.p. 9-10)

A influência dessa visão da decadência, transformada em visão do atraso, se faz verificar nas “Cartas de Goiás”, tanto pela visão de seu autor quanto pelos próprios habitantes de Goiás, no período, influenciados que foram pelas ideias das elites que importavam uma visão externa, europeia, de seu próprio território, bem como pelo interesse das mesmas em exercer o mando, a partir dessa ideia.

O imaginário da decadência aparece na visão popular, como consta em carta escrita de Antas (atual Anápolis) a 26 de janeiro de 1919:

Almoçando com o senhor Fróes, com a tropa arreada à nossa espera, numa breve explicação histórica, contou-me ele que na boca do povo este estado está perdido, sem esperança. É a terra do já foi. Já foi grande, já foi rico, Já foi de ouro, já foi de prata, Hoje é a terra do já foi. A capital do século passado contava 10 mil habitantes prósperos; atualmente, por muito favor, 7mil pobres; exaurindo-se as minas, depauperou-se Goiás. [...] Não estranhe a vida primitiva, o conforto não existe, o

tempo não se conta, na distância não se pensa, nesta terra de Goiás'. Partimos...
(MAGALHÃES, 2004. p.43-44)

Essa visão de decadência e atraso apresenta-se em outras partes da correspondência, como em carta do mesmo ano, escrita da cidade de Pirenópolis:

Escrevo-lhe de um mundo velho, onde a vida humana nada vale. Os irmãos Brokes estão perfeitamente ambientados nesse meio bárbaro, onde vivem há mais de dez anos, e, antes de nos separarmos, trocamos cartas referentes ao nosso negócio. Convenci-os de que deixando Crixás, se estabelecessem em Lavrinhas, para manter a posse de fato. Eu fora informado de que o abandono por parte dos proprietários já atraía intrusos de péssimos antecedentes. (MAGALHÃES, 2004. p. 49)

No entanto, essa visão do atraso (para alguns à época) era sabidamente estratégica, entre os políticos locais que a engendraram, ao que parece, para perpetuar o mando. Discutindo a situação de miséria, violência e insalubridade que grassavam em Roncador (devido a lepra) e a inércia política a respeito, Magalhães comenta a explicação de personalidade política: *“Razão de alta sabedoria política exige Roncador assim, como espantinho, até que a oligarquia dominante se apodere dos pontos-chave desse grande Estado central.”* (MAGALHÃES, 2004. P.41)

Essas informações denotam as estratégias dos grupos dominantes como forma de conseguirem e manterem o cetro mandonista que subjugava a população goiana, tese explicada mas contestada por Chaul.

O Interesse por Lavrinhas leva este advogado paulista a Goiás. Lavrinhas o fascina, mas Goiás, como um todo, imprimirá uma marca duradoura, quiçá eterna, à alma de Carlos Pereira, segundo seus descendentes e editores das póstumas publicações.

AS IMPRESSÕES DE MAGALHÃES: AMBIENTE, INDIVÍDUO E SOCIEDADE.

Magalhães parte para Goiás fascinado pela grandeza e singularidade desse Estado gigante e pelas oportunidades promissoras das terras de Lavrinhas. Observador atento, a quem o detalhe não escapa, analisa e descreve as diferenças ao cruzar cada fronteira (geográfica e política, que por sua vez vão denotar aspectos culturais) do território e de seu povo. São Paulo, Minas e Goiás, intimamente relacionados, no passado pela ação bandeirista, a caça ao gentil, a busca pelo ouro, o combate aos quilombos. Agora, pela dinâmica da pecuária. Tudo isso porém não foi suficiente para produzir homogeneidade entre esses três rincões, ao contrário, por diversas circunstâncias, produziu as individualidades sociais, singularidades culturais e econômicas, as fronteiras, a alteridade:

[...] parece que uma Inteligência oculta gizou esses três grandes estados que atravessei, diferenciando-se com atributos próprios do solo, na atmosfera e na vida social. Em São Paulo é a pujança da vegetação e a radiação purpurina da terra rocha que nos encantam; o Triângulo Mineiro comove o viajante pelos reflexos de um céu de turquesa na planura intermínua, verde e às vezes deserta; Goiás são os arrebois de um colorido alaranjado por entre névoas de mistério, que nos prende e nos faz pensar. Socialmente, o paulista ambicioso e gastador não se confunde com o mineiro fleugmático e econômico, e nenhum dos dois com o goiano indomesticável e senhor de si. São estas as impressões deste viajante, colhidas “a vol d’oiseau”². (MAGALHÃES, 2004. p.33)

Ao estabelecer uma diferença em relação ao paulista e ao mineiro, o autor apresenta suas primeiras impressões sobre o sertanejo goiano, em sua maneira de dizer (citando expressão francesa) ‘*a vol d’oiseau*’ isto é: ligeiramente, ‘a voo de pássaro’(ao pé da letra). A

² Expressão francesa que significa ao pé da letra: “a voo de pássaro”, isto é, ligeiramente.

forma como define o paulista, seu patrício, mostra um homem capaz de estabelecer autocríticas. Por um momento apresenta um aspecto universalista, a despeito do provincialismo de sua época, e que em outros momentos apresenta, delineando-nos as primeiras impressões a respeito de um homem fronteira.

Ao descer do trem que o trouxera de Araguari-MG a Roncador-GO, doutor Carlos se depara com um aspecto da religiosidade popular: um santo milagreiro a quem acorrem ricos e pobres. Em sua carta III, documenta o episódio que lhe dará talvez as primeiras impressões sobre a religiosidade popular em Goiás, mas também da tez, coragem, formação étnica e ânimo de sua gente, aspectos que o impressionaram.

Esse dia, sem que eu suspeitasse estava reservado um espetáculo sensacional: quando chegamos à estação de Goiandira, ali encontramos um santo itinerante em missão ao povo dessa vila. São Salvador era o seu nome. A multidão que o seguia reparava as brechas das taipas dos cemitérios, idem com as capelas e cruzeiras das estradas por onde passava. O santo curava os que tinham fé, recebia revelações dos anjos e estava em preparativos para subir à corte celeste, discutir com Nosso Senhor os problemas do fim do mundo. Os que punham em dúvida esses grandes acontecimentos estavam em minoria. Como o nosso trem traziaromeiros ficou estabelecido um tempo de duas horas de espera. Admirei a multidão descalça, de caminhar compassado, olhar flamejante; traziam os homens à cinta afiados facões. É gente à prova de todo sofrimento, sobreviventes da seleção natural de um meio inóspito. [...] Um senhor de fortuna e projeção social em Minas, conhecido meu, viera consultá-lo.” (MAGALHÃES, 2004. p. 35)

Além do que diziam os populares, em conversa com membros do poder judiciário goiano, tomou conhecimento da política caiadista e seu “modus operandi”, que segundo consta nesses depoimentos, foi influenciada pelos escritos de Nicolau Maquiavel. Magalhães discorre sobre importante personalidade política do círculo caiadista, explicando a gênese dessa política em Goiás:

O Senador Caiado, homem notável e importante figura, em cujas veias corre sangue bandeirante, estudou filosofia e formou-se na Academia de São Paulo. Político de vocação, adotou a doutrina de Maquiavel. Esse pensador da Renascença, ao despontar de uma era nova, uma atitude e méritos políticos e laicos cuja finalidade seria atingir o poder. Encerrava-se então a Idade Média e com ela o domínio político da Igreja. Essa Doutrina, embora genial e eficiente é amoral. Recomenda a religião para ser praticada no círculo da família; fora tudo é permitido, até o homicídio, desde que traga o poder; os fins justificam os meios. (MAGALHÃES, 2004. p. 129)

Trata-se de Antônio Ramos Caiado (Totó Caiado) que, pelos depoimentos dados a Magalhães, teria organizado a “Revolução” que derrubou o presidente José Xavier de Almeida. A fama de Homem honesto, honrado e preocupado com aspectos sociais (como a educação) de Almeida, também aparece no livro “Retrospectiva histórica de Goiás” de Cibele de Souza e Maria Esperança F. Carneiro:

O governo Xavier de Almeida pautou-se pela tentativa de moralização e racionalização administrativa, assim como dispensou uma certa atenção à educação. Apesar de ter sido um bom governo, não conseguiu impor seu sucessor, devido à forte política de compadrio da época. (SOUZA e CARNEIRO, 1996. P.57)

Esse era o cenário político de Goiás encontrado por Carlos Pereira de Magalhães. Um Estado considerado periférico, isolado, atrasado política, social e economicamente. Para alguns, os políticos conservadores assim o queriam, para poder exercer o mando sem contestações por parte de uma população sujeita; dependente; dominada. Os políticos progressistas buscavam tirar o Estado do isolamento. A formação positivista destes os fazia almejar o progresso, a dinâmica econômica, que só aos poucos, muito lentamente chegava. Com eles se identificava Carlos Pereira de Magalhães. Neles via os ideais e princípios que

nortearam sua formação. Através deles revigorava sua crença no progresso de Goiás, dando-lhe a fé necessária para prosseguir seus empreendimentos, como subjetivamente se nota em sua correspondência epistolar transformada em livro, de cujo conteúdo nos ocupamos.

AS LAVRINHAS DE SÃO SEBASTIÃO

Sobre a população de Lavrinhas, Magalhães afirma que:

O pessoal de Lavrinhas, segundo as informações que tenho, é folgado, vive dançando e ensaiando batuque para a festa de São Sebastião, que atrairomeiros de longe. Essa festa é realizada na época das águas; na seca são os folguedos da festa itinerante (cavahada) da bandeira do Divino, a folia. Dura geralmente de três meses para mais. Terminada, vovem a seus lares exaustos e inutilizados por muito tempo, pelos excessos praticados nessa religiosa peregrinação. E, assim, sobre um torrão fértil lhes negreja a miséria. De quem é a culpa? (MAGALHÃES, 2004. p. 88)

Nessa passagem parece fazer uma crítica velada à política e ao coronelismo em Goiás: à política, por concentrar investimentos no sul e não prover melhorias ou construção de estradas que incentivassem uma produção comercial e por proteger os grandes proprietários em seus abusos. Ao coronelismo devido a esses mesmos abusos acobertados pela política e por ver em qualquer tentativa de desenvolvimento comercial uma afronta ao poder do domínio local, e quando não, uma concorrência comercial a ser eliminada.

Magalhães ainda colocou em evidência a mestiçagem ao falar sobre os descendentes dos antigos proprietários:

Atendendo a meu pedido, os antigos proprietários dessas terras, que residem em sítios distantes, compareceram a este arraial. São todos bronzeados e aparentados entre si. Alguns deles pretos retintos, releve o Caciano, todo riscado de cicatrizes, matador de onças a ferro frio. Creio que dona Amância é a única branca nessa miscigenação das três raças. (MAGALHÃES, 2004. p. 88)

Causa admiração a Magalhães a forma como os habitantes de Lavrinhas se comportavam no trato com o outro e entre si. O autor observa um cuidado constante no comportamento, a despeito da ausência da alfabetização:

[...] São todos analfabetos, apenas o sacristão sabe ler e escrever. Um preto velho segredou-me: “O sinhori esteja sem receio, essa gente é tuda muito cutuzeza” (cortês). Realmente, falam com brandura, andam devagar e compassado, respeitosos em todas as suas atitudes. (MAGALHÃES, 2004. p. 88)

Historicamente reconhecida como comunidade negra remanescente de escravos da mineração, Lavrinhas, como espaço de fronteira, não escapou aos conflitos pela posse do território nem à resistência à escravidão. Indagando sobre o histórico do sítio da Prisca, em Lavrinhas, Magalhães se depara com uma narrativa de conflito com indígenas e fuga de escravos que se aquilombaram:

O presente acontecimento deu-se antes da Guerra do Paraguai: a fazendeira dona Prisca, que deu o nome a essa região, foi viúva do terceiro filho do capitão Francisco Ribeiro, de nome Antônio, que morreu sem deixar descendência. Velha e brava, explorava os negros cativos sem misericórdia. Na sede da fazenda, trabalhava-se no

engenho, fazia-se queijo e farinha e o moinho girava sem cessar, cujas enormes pedras existem até hoje. Devota e ao mesmo tempo má, não perdoava ninguém, todo ano ia comungar na romaria do Muquém, 18 léguas além. Certa vez, dadas as esmolas, regressava ela satisfeita; do alto de um espigão, o capataz de sua comitiva notou uma revoada de urubus no rumo da fazenda. Dirigindo-se à velha, apontou lugubrememente para o horizonte. Ela, irritada, esclareceu que essa migração de corvos se fazia do outro lado do rio das Almas. Em dúvida, forçando as marchas, dentro de poucos dias chegavam à casa grande da fazenda. O céu negrejava de urubus, um fartum cadaveroso sufocava o ar. Ao apejar do cavalo, desmaiou a velha com o que viu, e as mucamas que a acompanhavam caíram por terra, entre gemidos e prantos. O capataz, dois negros da comitiva e as mulheres era tudo o que restava do povo dessa florescente fazenda. Os urubus entravam às dezenas pelas janelas escancaradas e saíam, fartos, pelas portas; o solo parecia movimentar-se pela quantidade de ratazanas a arrastar restos humanos; as vacas aprisionadas no curral e trespassadas de flechas apodreciam amontoadas. Tudo o que tivesse vida fora moto à flecha, exceto o pessoal que tivera o crânio esmagado pelas bordunas dos selvagens. A maior parte dos escravos havia se aliado aos índios morcegos e após o massacre com eles se refugiara nas selvas do rio Tocantins, o que lhes garantiu a impunidade. A velha Prisca confinou-se em Jaraguá, enlouquecendo, pouco depois morreu. Assim contaram-me Helmuth e Sérgio, filho desta zona e descendente do grupo sinistrado. (MAGALHÃES, 2004. p. 68-69)

O conflito dos habitantes da fazenda com os indígenas não tem motivação explicada nas cartas. Sabe-se, no entanto que a zona era habitada pelos Avá-canoeiros que até poucas décadas ainda perambulavam por essas zonas, seu antigo território. Provavelmente tratava-se da tentativa de expulsão do branco invasor de suas terras. A rebelião dos escravos, que aos índios se aliaram, tem motivação explicada, pelo menos subjetivamente: a crueldade da fazendeira. Desvela-se aí um aspecto da resistência histórica do negro e do aquilombamento. Como afirma Luís Palacín, em Goiás “Não havia arraial sem a sombra de um quilombo”. (PALACÍN, 1972)

Outra narrativa sobre o aquilombamento na região de Lavrinhas aparece em carta datada de 26 de janeiro de 1919, de Lavrinhas de São Sebastião. Na mesma, Magalhães trata da questão, relatando o que ouviu de populares:

No tempo do Alferes Silvestre, um negro gigante seu escravo, o Joaquim Buriti, cometeu um crime passionai, e foi condenado à forca. Dona Inês, a consorte fazendeira, condoída de tão triste destino, favoreceu-lhe a fuga. Buriti homiziou-se na mata e relacionou-se com os canhamboras³. Todas as tentativas para a sua captura frustraram-se; ele vestia-se de couro das onças que matava e praticava o contrabando de ouro. Durante uns dois decênios dominou com o seu mando essas matas serranas. Certa tarde do mês de agosto, com o ar turvo pelas queimadas, ouviram-se ecos lá da mata, pedidos de socorro. O alferes Silvestre estava ausente, dona Inês suspeitou, pelo timbre da voz, fosse o gigante Buriti. Ordenou ao capataz que o socorresse. Encontraram-no moribundo e em paz morreu, abençoando o nome da sua protetora. (MAGALHÃES, 2004. p.92)

A mesma narrativa dá conta de que o quilombola Joaquim Buriti, além de traficar ouro, mantinha contato com a casa grande da fazenda. Talvez fosse esse o motivo do contato. Mostrando, assim, uma relação contínua do quilombo com o arraial; precisamente com seus antigos senhores.

Os testemunhos, relatos e narrativas colhidos por Magalhães configuram um repertório distante no tempo. São narrativas de quase um século que falam tanto do aquilombamento no tempo da escravidão quanto da existência desses quilombos no princípio do século XX.

Em testemunhos distantes no tempo e ausente de qualquer interesse afirmativo, ou de agenciamento no período em que foram produzidos, encontram-se informações suficientes que dão conta da existência de quilombos na região e que corroboram as autoafirmações daqueles grupos na região que se identificam como remanescentes de quilombos na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carlos Pereira de Magalhães era o que poderíamos chamar de “homem-fronteira”, Dividido entre a influência historiográfica dos viajantes europeus e teorias racistas e a

³ O mesmo que quilombolas.

percepção cultural de quem conviveu e partilhou, por ocasiões, experiências culturais e circunstanciais vividas pelo sertanejo goiano.

A visão subjetiva de si objetiva a visão do outro, nas correspondências que configuraram a obra póstuma "Cartas de Goiás". Essas visões evidenciaram a diferença entre o homem letrado: branco; protestante; racionalista e progressista e o sertanejo goiano: analfabeto, mestiço, "supersticioso" e "atrasado" que, antagonicamente, lhe inspirou admiração e respeito.

Eis a configuração de um "homem-fronteira", dividido entre dois mundos: São Paulo e Goiás; O saber da "ilustração" e o saber da "tradição". Dividido entre as teorias e opiniões de uma cultura letrada e de grupos "pré-conceituosos", que lhe inspiraram seus próprios "pré-conceitos". Às vezes, dividido entre esses mesmos "pré-conceitos" (impressões) e a vivência local que lhe inspirou novas ideias e, portanto, novos conceitos que contrastavam e mesmo contrariavam a mentalidade "ilustrada" de seu tempo e espaço (meio).

Dessa forma, a partir de um espaço e situação de fronteira, Magalhães descreve e analisa (sob sua ótica, nas "Cartas de Goiás") ambiente, indivíduo, sociedade e cultura, por meio das memórias que registra.

As memórias que imprimiu no papel, passando à escrita uma tradição oral do outro e de si, ao registrar também suas próprias impressões são as sombras, impressas no papel, de outras impressões a priori.

Esses escritos configuram a sombra de uma tradição que, formou as impressões do autor e, passou ao papel e, assim, à posteridade; chegando até nossos dias e possibilitando outras impressões, na amplitude do termo; como as que figuram no presente artigo.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

MAGALHÃES, Carlos Pereira de. **Cartas de Goiás no Princípio do século XX**. São Paulo: De Letra em Letra, 2004.

Referências:

CHAU, Nasr Faiad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 4º ed. – Goiânia: Editora UFG, 2015

HALBWACHS, Maurice. São Paulo: Centauro, 2006.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NORA, Pierre. Projeto em História nº 10 revista do programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de História. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aunkoury. PUC/SP. Proj. História. São Paulo. Nº 10. p. 1-178. Dezembro/93.

PALACÍN, Luiz. **Goiás: Estrutura e Conjuntura numa capitania de Minas**. Goiânia: Editora Gráfica Oriente, 1972.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Além das Fronteiras**, in: Martins, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguai-Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 17

SOUZA, Cibele de; CARNEIRO, Maria Esperança F. **Retrospectiva histórica de Goiás: da colônia à atualidade**. 1º ed. – Goiânia: Livraria Cultura Goiana, 1996.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 6º ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.